

Reconstituição do crime

A operação começa com uma reunião no 1.º andar da sede da PIDE, na Rua António Maria Cardoso, em que estão presentes o director, Silva Pais, o inspector superior, Barbieri Cardoso, o inspector-adjunto, Álvaro Pereira de Carvalho, o inspector António Rosa Casaco e o agente Ernesto Lopes Ramos.

Nesta reunião fica decidido atrair Delgado a um local perto da fronteira com Espanha, mas já em território português, raptando-o aí e trazendo-o para Lisboa. Publicamente, explicar-se-á que o general foi preso quando entrava no país para chefiar uma revolução.

Salazar terá dado luz verde à operação, com a condição expressa de a prisão ser mesmo feita em Portugal. E foi isto que o director da PIDE lhe garantiu. «Silva Pais estaria convencido, e assim o teria transmitido ao presidente do Conselho, que a detenção do general Delgado seria feita em território português, depois de Delgado ter sido induzido a atravessar a fronteira.»¹⁵³

O chefe da brigada que executaria a operação, António Rosa Casaco, terá pensado desde o início, porém, num rapto em Espanha. Seria mais fácil atrair o general a um encontro no país vizinho. Combinariam um local próximo da fronteira, consumariam o acto, e rapidamente entrariam em Portugal — podendo dizer que a prisão se fizera do lado de cá.

Para a PIDE, a operação não era de todo inédita. Germano Pedro, implicado no golpe de Beja, fora atraído a uma armadilha em La Linea, na província de Cádiz, na Andaluzia, preso e trazido para Portugal. Alfredo Tito de Moraes, membro da FPLN de Argel, estivera para ter a mesma sorte em Sevilha — mas o carro em que seguiam os raptadores (Mesquita Portugal, José Gonçalves e Rosa Casaco) teve um grave acidente em Espanha e a operação gorou-se. Rosa Casaco ficou muito ferido e a partir daí passou a coxear. E também um militante da LUAR, de apelido Cardoso, será posteriormente raptado próximo de Burgos, em 1967, e trazido para Portugal preso e amordaçado.

* * *

Note-se que a PIDE tinha umas velhas contas a ajustar com Delgado. Em 1961, aquando do falhado golpe de Beja, o general entrara e saíra do país sem ser identificado pela polícia política. E ridicularizara-a dando-se ao luxo de tirar fotografias na Av. da Liberdade, perto da pensão onde estava hospedado (na Rua das Pretas), e de as divulgar depois na imprensa estrangeira, mostrando também o disfarce rudimentar com que enganara os agentes.

Ferida no seu orgulho, a PIDE queria vingar-se. E a vingança seria apresentá-lo vivo em Lisboa, como troféu de caça.

O modo como a polícia política vai atrair Humberto Delgado a um encontro entre Badajoz e Olivença tem uma história curiosa que vale a pena contar. Um amigo muito próximo do general, Mário de Carvalho, seu representante em Roma — de quem já falámos atrás —, combina uma reunião entre Delgado e um militar português supostamente emissário de uma organização que prepara uma revolução em Portugal e quer que o general assuma o comando. A reunião seria em Paris, no Hotel Caumartin, no fim do ano de 64.

O general aceita. Vai então a Paris com Mário de Carvalho, os dois hospedam-se no dito hotel, e no dia 27 de Dezembro, entre o Natal e o Ano Novo, tem lugar uma reunião no quarto de Delgado com o português Ernesto Castro e Sousa, que ficara instalado no Commodore. O general começa a conversa pondo uma pistola sobre a mesa-de-cabeceira, mostrando que não está ali para brincar. O encontro dura duas horas, ao longo das quais Castro e Sousa põe os interlocutores a par dos pormenores de uma conspiração em curso em Portugal, e dos respectivos meios. Diz haver 4617 elementos sediciados no país inteiro, todos militares. E propõe um encontro próximo de Badajoz, em data a combinar, com elementos vindos de Portugal. Humberto Delgado mostra-se de acordo.

* * *

Sucede que Ernesto Castro e Sousa, o militar vindo de Portugal, é um nome falso que encobre Ernesto Lopes Ramos,

agente da PIDE. E Mário de Carvalho, amigo de Delgado e seu representante em Roma, que combinara aquele encontro, é informador da polícia política, onde tem o nome de código «Oliveira».

Mas Delgado não suspeita de nada. E marca uma reunião da FPLN (que já não é a verdadeira, com a qual o general rompera, mas sim uma *Frente Portuguesa* — e não Patriótica — *de Libertação Nacional* criada por ele) para junto da fronteira portuguesa. O pretexto é poderem dizer depois que realizaram um encontro próximo do território nacional, o que naturalmente terá maior impacto público.

Para esta reunião da FPLN, o general convoca o arquitecto Artur Andrade, que pertenceu à sua candidatura em 1958, e o professor Mário de Carvalho. O primeiro declinará a convocatória e o segundo acabará obviamente por não ir, invocando um pretexto que se revelará falso.

Mas Delgado vai em frente. Isolado como está, que alternativas lhe restam? Se não agarrar com as duas mãos as oportunidades que lhe oferecem, o que fará da vida? É isto mesmo que indicia a sua resposta a Emídio Guerreiro, que o aconselha a não ir, pois pode tratar-se de uma cilada: «*Talvez tenha razão, mas eu vou!*»¹⁵⁴

Estabelecida a data, ele e Arajaryr Moreira de Campos — a sua secretária e amante há cinco anos, que deixou o marido e um filho pequeno no Brasil para o acompanhar por toda a parte — saem de Argel no dia 8, a caminho de Casablanca. Aqui, têm uma longa reunião com Henrique Cerqueira, o representante do general em Marrocos. Na terça-feira, 9 de Fevereiro, Delgado, Arajaryr, Cerqueira e Helena Cabral (companheira deste, embora oficialmente ainda seja casada com Amílcar Cabral, líder do PAIGC), partem para Tetuão, onde chegam na madrugada de 10, seguindo depois para Ceuta, que fica a menos de uma hora de carro. E aqui os dois casais despedem-se: Cerqueira e Helena voltarão para trás, para Casablanca, o general e Arajaryr tomam o *ferry* para Algeciras — seguindo de imediato para Sevilha, onde passam a noite.

Estão dentro do horário combinado. Na quinta-feira, dia 11, véspera do encontro, apanham um táxi para Badajoz, hospedando-se no Hotel Simancas. Sexta-feira será o grande dia. Estão combinados três locais de encontro, para despistar a polícia: a estação dos comboios, o edifício principal dos Correios e a Catedral. Na manhã de 12 de Fevereiro, Humberto Delgado percorre os três mas não encontra ninguém. Põe a hipótese de tudo não passar de uma farsa. Mas não desanima por completo. Está combinado que, caso o encontro de dia 12 falhe, os participantes deverão voltar no dia seguinte, 13 de Fevereiro.

* * *

No dia 12, à tarde, partem de Lisboa dois carros, um *Opel* verde e creme, de matrícula EI-44-39, e um *Renault Caravelle*, com a chapa IA-65-40. Ambos levam no interior dois homens: o primeiro é conduzido por Agostinho Tienza, tendo a seu lado Casimiro Monteiro; no segundo, seguem Ernesto Lopes Ramos (ao volante) e António Rosa Casaco. São todos agentes da PIDE. A brigada é comandada por Casaco.

Dormem em Reguengos de Monsaraz numa pensão modesta, e no dia seguinte, dia 13, saem às 9h00 da manhã com destino a Espanha, param a meio para trocar as matrículas dos carros e passam a fronteira portuguesa em S. Leonardo, para entrarem por Villanueva del Fresno, poucos quilómetros ao sul de Elvas.

Em Espanha, fazem um reconhecimento rápido para escolherem o local onde se dará o encontro com Delgado. Fixam-se num desvio da estrada entre Olivença e Badajoz, a três quilómetros da fronteira, num pequeno descampado junto de uma ponte antiga, a que se acede por uma estrada de terra. Escolhido o sítio, Ernesto Lopes Ramos parte ao encontro do general.

* * *

No dia 13, Delgado vai percorrer de novo os três locais. Não encontra ninguém no primeiro, e decide-se a comprar

bilhetes de autocarro de regresso a Sevilha. Mas no segundo — a estação dos comboios —, onde chega por volta das 12h00, reconhece uma cara que lhe é familiar: tem à sua espera Ernesto Lopes Ramos, transformado no militar Ernesto Castro e Sousa. O general exulta. Afinal era verdade! As dúvidas dissipam-se. Ernesto informa-o então de que, por motivos de segurança, o encontro com um coronel vindo de Portugal será próximo de Olivença. A reunião está marcada para as 15h00 — e Castro e Sousa irá apanhar Delgado à porta do hotel meia hora antes.

Ernesto chega junto do Hotel Simancas à hora combinada ao volante do seu *Renault Caravelle*, cumprimenta Delgado, e só depois percebe que ele se encontra acompanhado. Com ele está uma mulher. Colhido de surpresa, o recém-chegado pergunta quem é a senhora, e diz ao general que é melhor não a levar. Mas Delgado insiste. Mostra-se irreduzível. Se ela não for, ele não irá. Ernesto acaba por ceder — e os três enfiam-se no carro.

O *Renault* mete-se à estrada a caminho de Olivença. Uns vinte quilómetros adiante vira no sítio combinado, segue pela estrada de terra, desembocando no pequeno descampado ao pé da ponte onde já se encontra outro carro. O general sai — e qual não é o seu espanto quando vê virem ao seu encontro dois homens, um dos quais reconhece imediatamente: trata-se de Rosa Casaco, inspector da PIDE. Percebendo que caiu numa cilada, Delgado leva instintivamente a mão à cintura para sacar da pistola, mas o agente que vinha à frente cai-lhe em cima, imobiliza-lhe o braço direito e agride-o violentamente na cabeça com uma matraca. Dá-lhe vários golpes. Mesmo quando o general cai de joelhos, o outro continua a bater-lhe com fúria. Depois de o corpo se imobilizar, arrastam-no pelo chão uns quatro metros e metem-no na bagageira do carro de Tienza. A operação está consumada. O rapto correu bem.

Estava-lhes reservada, porém, uma surpresa: o general não está vivo mas morto. O agressor, Casimiro Monteiro — um gigante de origem goesa, com uma força descomunal — batera-lhe com demasiada força e matara-o. Arajaryr começa

a gritar histericamente — e o mesmo Casimiro aperta-lhe o pescoço para a calar. Ela acabará por lhe cair morta aos pés, estrangulada. Metem-na na bagageira do outro carro.

Os agentes têm agora dois corpos de que precisam de se desfazer, pois não os vão levar para Lisboa. Mas é muito perigoso serem eles a ocupar-se dessa tarefa. Se forem apanhados, será um escândalo. Para os quatro, significará o fim da carreira.

Largam-nos no primeiro local que encontram — e contactam com um agente da fronteira de S. Leonardo, conhecido de Casaco, para lhes arranjar alguém que possa completar o serviço. Indicam-lhes Elie Tapiero, um marroquino que vive em Badajoz e tem a vantagem de possuir um *Lincoln* — uma «banheira» enorme, de matrícula venezuelana, em cuja bagageira caberão à vontade os dois cadáveres.

Será este homem, sozinho ou com amigos, que se encarregará de levar os corpos para o local onde irão aparecer. Na bagageira do *Lincoln* serão encontrados vestígios de sangue e cabelos de Arajaryr. O sangue é indubitavelmente do general, visto que a amante foi estrangulada. E o corpo de Delgado foi colocado na bagageira pouco depois do crime, quando o sangue ainda não tinha secado.

Os dois cadáveres acabarão por ser depositados num bosque, a cerca de quarenta quilómetros do local do crime, onde o carro do marroquino será visto no dia 25 de Fevereiro à tarde. É impossível saber se só nesse dia os levou para ali, tendo-os entretanto mantido escondidos, ou se foi apenas ver o estado em que se encontravam. O certo é que os corpos de Arajaryr e Delgado serão descobertos no dia 25 de Abril, dois meses e meio após a morte: ela muito toscamente enterrada, ele metido numa vala, enrolado num cobertor atado com cordas. O rosto de Delgado está desfigurado, provavelmente por acção de ácido sulfúrico, e o corpo encontra-se coberto por cal. Salazar dirá depois a Franco Nogueira: «*Quando penso nisso, causa-me horror a forma como foi encontrado o cadáver de Delgado. Apesar de tudo não posso esquecer-me de que passou anos a trabalhar comigo, ao meu lado, aqui!*»¹⁵⁵

Mas o cenário que os polícias espanhóis encontram mostra um trabalho muito amador, muito pouco profissional. Talvez por o corpo do general estar enrolado num cobertor, o marroquino nem se apercebera do anel de ouro que ele tinha no dedo com as iniciais *HD*, e que irá ser decisivo na identificação do cadáver.

* * *

Depois de se libertarem dos corpos, que ficam ao cuidado do marroquino, os agentes não regressam logo a Portugal, saindo por onde entraram. Rumam para Sul e pernoitam em Aracena, na Andaluzia, numa pensão modesta. Tienza e Lopes Ramos dormem no mesmo quarto, Casaco e Monteiro em quartos separados. É revelador que ninguém tenha querido ficar no quarto com Monteiro. Os outros marginalizam-no. Afinal, fora ele quem estragara tudo e fizera abortar a operação. Ao fim da tarde desse dia, Tienza parara o carro e gritara para os colegas que seguiam no outro — Lopes Ramos a conduzir e Casaco ao lado — que não o queria com ele, chamando-o «assassino do c...».¹⁵⁸

Na manhã seguinte, 14 de Fevereiro, um domingo, os dois carros, o *Opel* e o *Renault*, partem a caminho de Portugal, saindo por Rosal de la Frontera. Param em Beja, no posto da PIDE, onde queimam os documentos falsos com que viajaram e se desfazem das chapas de matrícula falsas.

Chegados a Lisboa, os quatro não vão logo informar Sachetti, o número dois da PIDE e o seu homem-forte, que passava o fim-de-semana fora de casa. Mas mesmo que assim não fosse, talvez preferissem falar primeiro com Pereira de Carvalho, o inspector-adjunto. Dirigem-se pois a casa dele, nos Olivais, onde Rosa Casaco o informa de que a operação correu muito mal — embora não se saiba exactamente o que lhe disse e que explicações lhe deu. Seguem-se momentos constrangedores. Fica assente que Pereira de Carvalho e Casaco informarão Sachetti no dia seguinte. E assim acontecerá. Mas Silva Pais, o director da

PIDE, só será posto ao corrente da morte de Delgado e da sua secretária dois dias depois, ficando de informar Salazar.

Também não o fará logo. Como dar a notícia a Salazar? Sentindo o «tremendo problema» que a PIDE arranjou ao Regime, Silva Pais fecha-se três dias no seu quarto na António Maria Cardoso, sem ir a casa, não sabendo como informar o presidente do Conselho.

* * *

Este crime, que para muitos chegou até hoje sem solução, tem portanto uma resposta fácil. Primeiro, o objectivo era prender Delgado em Espanha e trazê-lo vivo para Lisboa. Segundo, a morte foi accidental e deixou aflita a cúpula da PIDE. Terceiro, Salazar deu luz verde ao rapto, na condição de ser feito em território português.

Este último ponto é, apesar de tudo, o que suscita mais dúvidas. Em entrevista muitos anos depois a José Pedro Castanheira, Rosa Casaco afirma que Silva Pais tinha muito medo de Salazar, e evitava informá-lo com rigor. Diz Casaco: «Silva Pais tinha um certo receio que Salazar não concordasse com as diligências que se andavam a praticar e, principalmente, com a ideia do rapto, o que, a meu ver, teria certamente merecido oposição frontal do presidente do Conselho.»¹⁶²

Pode ter acontecido de facto que, com medo de Salazar, o director da PIDE não lhe tenha dito nada antes — para lhe apresentar depois o caso como uma prisão feita pela polícia política quando o general entrava em Portugal para vir chefiar uma tentativa revolucionária.

Note-se que se trata apenas de uma presunção baseada no que Casaco «admite» ter acontecido. E isto porque, no que diz respeito aos factos, Rosa Casaco mentiu deliberadamente nas declarações (contraditórias) que fez nos processos judiciais e na citada entrevista a Castanheira, mostrando uma preocupação obsessiva de atirar todas as culpas para cima de Casimiro Monteiro — que, aliás, será desterrado para Moçambique a seguir ao crime, ao contrário dos outros elementos da brigada.

A responsabilização exclusiva de Monteiro por parte de Casaco — chegando a declarar que ele partira de Lisboa munido de pistola com silenciador, um garrafão de ácido sulfúrico e um saco de cal, coisas perfeitamente inverosímeis até porque os agentes só eram informados à partida sobre a operação que iam executar — era uma forma de descartar responsabilidades como chefe da brigada. Dizendo que Casimiro Monteiro premeditara o crime, Rosa Casaco afastava a ideia de um descontrolo no momento do rapto, que a ter-se verificado o comprometeria a ele, como líder da operação.

Uma nota final: se o objectivo da PIDE fosse eliminar Delgado, tinha uma maneira fácilima de o fazer: contratar um assassino em Argel, onde o general residia, e encarregá-lo do crime. Na altura, encomendava-se ali uma morte em troca de uma cerveja. Tudo estaria simplificado, até porque a polícia política acompanhava de perto os passos de Delgado na capital argelina. Acresce que a morte na Argélia tornaria muito mais verosímil a tese que o Regime sempre defendeu de que o general fora morto pelos seus próprios ex-companheiros de luta, com os quais tinha entrado em ruptura.

A atracção de Humberto Delgado até junto da fronteira portuguesa, plano muito mais difícil de executar e arriscado, só é explicável no contexto de um rapto.

